


**SAPIRO, Gisèle. Os escritores e a política na França: do caso Dreyfus à Guerra da Argélia. Tradução: Névio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2024. 382 p.**

Karina Regalio Campagnoli\*

 <https://orcid.org/0000-0002-6068-7073>



O livro intitulado *Os escritores e a política na França: do caso Dreyfus à Guerra da Argélia*, lançado originalmente na França em 2018, de autoria da socióloga francesa Gisèle Sapiro, pesquisadora da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em Paris, trata das relações entre os escritores e o campo da política na França, cuja publicação no Brasil saiu em 2024 pela Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A resenha aqui apresentada originou-se a partir da tradução brasileira, em língua portuguesa, elaborada por Névio de Campos.

A estrutura dessa obra é composta por um prefácio de autoria do tradutor, por uma “Introdução geral”, acompanhada do subtítulo “Literatura e política”, e por duas partes. A primeira parte, intitulada “Politização”, é composta por uma introdução, cujo título é “Introdução: Campo literário e campo político”, e por mais quatro tópicos, com os seguintes títulos: a) “Do uso das categorias de ‘direita’ e de ‘esquerda’”; b) “Formas

de politização do campo literário”; c) “Figuras de escritores de extrema-direita: entre o maurrassismo e o fascismo”; d) “O engajamento constricto dos escritores comunistas, da ‘*drôle de guerre*’ à Guerra Fria”. Já a segunda parte, cujo título é “Visões de mundo e ética da escrita”, é constituída também por uma introdução, intitulada “Introdução: Literatura e ideologia”, e por mais quatro itens, com os seguintes títulos: a) “Política da ficção e ficcionalização do político”; b) “Drieu la Rochelle entre o sonho e a ação: a fabricação de um escritor fascista”; c) “Poesia e propaganda na França ocupada: da verdade das metáforas à poética dos nomes próprios”; d) “Malraux, entre

\* Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEPG. E-mail: <karinaregalio@hotmail.com>.

campo literário e campo político: do anticolonialismo ao Ministério da Cultura”. Somam-se a essa divisão o “Epílogo”, cujo subtítulo é “Despolitização da literatura?”, os “Agradecimentos” e a “Lista de esquemas e quadros”.

A obra pode ser compreendida como subsídio para problematizar questões de pesquisa que envolvam as áreas de Sociologia dos/as Intelectuais, História dos/as Intelectuais e História Intelectual, História da Literatura. Entretanto, uma ressalva deve ser feita: não se deve simplesmente transportar as análises empreendidas pela autora sobre o contexto francês de modo linear para outros contextos, mas, sim, considerar seus apontamentos como inspiração para investigar e problematizar questões que se relacionam com essas áreas mencionadas.

Ao longo do livro, é possível perceber que dois universos se articulam e se interpenetram a todo tempo: o mundo literário e o mundo político. A autora é clara ao enfatizar que, nesses campos, não existem regras absolutamente fixas, pois cada situação é única e, por isso, a problematização deve ser realizada caso a caso, de forma personalizada, sem possibilidade de generalizações. Ao seguir o ideário de análise de Pierre Bourdieu, Gisèle Sapiro ressalta a relevância de considerar o pensamento relacional, de modo a não se universalizar as situações que são apresentadas.

Após essas observações, passa-se ao objetivo da obra, segundo a própria autora, a saber: contextualizar a história da França por meio de dois episódios limítrofes, sendo um inicial, tendo como marco o Caso Dreyfus, ocorrido ao final do século XIX, e outro final, tendo como evento balizador a Guerra da Argélia, nos anos de 1960. Assim, Gisèle Sapiro apresenta uma série de reflexões que unem as atribuições de leitor e de autor, a partir de mundos diversos, mas que englobam essa convergência. Com isso, há a possibilidade de refletir sobre o mundo da política e da produção cultural, considerando suas complexidades, similitudes e divergências.

Já na “Introdução geral: Literatura e política”, a autora inicia suas problematizações, explicando que, durante um bom tempo, especificamente entre o período da Terceira (1870) ao início da Quinta República (1958) francesa, a relação entre os escritores franceses e as atividades públicas na França era bastante próxima. Gisèle Sapiro ainda ressalta que o período abarcado pela obra se caracteriza pela tentativa de estabilização do regime democrático na França frente aos complexos obstáculos e dificuldades desse contexto, como as duas guerras mundiais e a agitação que tumultuou a Europa nesse íterim, levando a um movimento que promoveu o desenvolvimento da profissionalização da política, conferindo diferentes graus de autonomia à atividade literária, a partir dessa separação entre os campos. Com isso, houve um grande movimento em relação à conferência de um certo nível de especialização entre esses campos: o da literatura e o da política.

Na chamada “Primeira Parte: Politização”, ao partir do Caso Dreyfus até chegar ao final dos anos de 1960, a autora explica que os intelectuais tiveram uma postura caracterizada como engajada, devido ao seu poder simbólico. No entanto, isso os afasta de seu real papel, que é o de produtores culturais. Ocorre, portanto, uma politização do campo literário francês, sendo o modo mais comum de atuação o chamado “profetismo”. Observa-se, com esse movimento, a presença de uma relação estreita entre as intervenções políticas dos escritores e suas posições no campo literário.

Com isso, é notável o processo de autonomização do campo literário, a partir de três condições essenciais: a) a primeira seria a diferenciação e especialização das atividades sociais a partir da divisão do trabalho, em um processo descrito por Max Weber e citado por Sapiro; b) a segunda condição seria a existência de instituições consagradas a reconhecer a atuação dos

escritores, como a Academia Francesa; c) o terceiro item seria a criação e o desenvolvimento de um mercado de bens simbólicos.

Ao utilizar a expressão “Os escritores são os profetas dos Tempos Modernos” (Sapiro 2024, p. 16), a autora explica como se desenvolveu o processo de aquisição de autonomia relativa da atividade literária, com ênfase na luta pela liberdade de expressão. Além disso, ela contextualiza o movimento de formação da imagem idealizada de engajamento dos escritores, salientando que as formas de politização variam de acordo com a posição ocupada no campo, chegando às discussões sobre os ocupantes das chamadas “direita” e “esquerda”.

A partir disso, a autora identifica e explica as quatro modalidades de intervenção dos agentes no espaço público, caracterizando-os como: os “notáveis”, os “estetas”, as “vanguardas” e os “polemistas”, situando-os tanto à direita quanto à esquerda. Essa categorização dos agentes que expressam suas ideias e opiniões por meio da escrita constitui-se na espinha dorsal da obra, auxiliando na compreensão do espaço ocupado por esses indivíduos no campo da escrita na França.

Um ponto interessante da obra versa sobre a análise do caso do Partido Comunista Francês (PCF), especialmente na figura de Aragon. Sobre isso, Gisèle Sapiro explica a disputa que se travava entre seus apoiadores, tendo como ponto fulcral os chamados “obreiros”, situação em que se defendia a ideia de que somente os trabalhadores poderiam ler e compreender corretamente a realidade, pondo em xeque o poder de atuação e crítica dos escritores. Com isso, questionava-se a autonomia da produção intelectual e o papel dos intelectuais no movimento chamado de “realismo socialista”.

Esse rico contingente de análise permitiu à autora o desdobramento das relações entre literatura e política, a partir de diferentes vertentes, como: a) considerações sobre a vida privada do autor; b) o contexto histórico, político, social e econômico de produção e recepção das obras; c) as questões éticas que envolvem o processo de escrita, entre outras situações que influenciam direta ou indiretamente a produção cultural.

A partir dessas considerações, é importante destacar o papel da ficção nessa investigação, pois, segundo a autora, em tempos de autoritarismo, a criação, a adaptação e a combinação entre realidade e imaginação podem se constituir em formas de contornar a censura e, também, os processos judiciais. Sobre isso, a autora reitera que, especialmente no fim do século XIX, o romance surgiu como um gênero subversivo, por abordar questões e temáticas sensíveis, como adultério, casamento, conflitos, família, peculiaridades envolvendo as forças armadas e outras temáticas com alto potencial de se tornarem polêmicas. Ademais, ela ressalta que muitos processos legais foram movidos contra escritores, acusados de, supostamente, ferir os costumes, causando incômodo à sociedade da época.

Desse modo, a autora trata da politização do campo literário *versus* a constituição da cultura como categoria de intervenção política. Nessa complexa arena de análise, vislumbra-se uma história literalmente escrita, em grande parte, pelos homens. Contudo, Gisèle Sapiro indica a presença de muitas mulheres que também tiveram participação nessas questões, como Simone de Beauvoir, Elsa Triolet, Marguerite Duras, entre outras.

Já na “Segunda Parte: Visões de mundo e ética da escrita”, Gisèle Sapiro aborda as relações entre a literatura e a ideologia, explicando que essas articulações foram, inicialmente, bastante discutidas na esfera teórica marxista. No entanto, Sapiro defende uma problematização mais aprofundada do conceito de “ideologia”. Para desenvolver essa proposta, ela cita Bourdieu, a partir do conceito de *doxa*, que seria “[...] o conjunto das crenças que fundam a visão de mundo e fazem com que esse mundo se torne evidente” (Sapiro, 2024, p. 197). Além disso, a autora enfatiza que

todo esse conjunto de costumes, formas de pensar e agir, de compreender e se posicionar no mundo são constitutivos do *habitus*, outro conceito bourdieusiano.

Seguindo essa óptica, ainda lançando mão dos conceitos cunhados por Bourdieu, Sapiro argumenta que esse processo de inculcação de crenças, comportamentos e pensamentos está no cerne do conceito de “violência simbólica”, que se desenvolve quando determinadas interrelações se instalam entre “[...] o reconhecimento da legitimidade de dominação [que] origina o desconhecimento de sua arbitrariedade e a interiorização da relação de dominação pelos dominados” (Sapiro, 2024, p. 198).

Essas considerações são importantes para explicar o posicionamento, ao longo do tempo, de diversos escritores em relação aos perfis de suas obras, aos temas que discorrem, às abordagens que realizam, às abrangências que atingem, às influências que causam e às consequências que, porventura, precisam responder, inclusive judicialmente. Sapiro cita como exemplo a obra *Madame Bovary*, de Flaubert, contextualizando a enorme repercussão que a menção a temas sensíveis, como o adultério, por exemplo, causou na sociedade como um todo e, especialmente, no campo da escrita.

Sobre isso, Sapiro discorre sobre uma estratégia interessante da qual muitos autores lançaram mão para, talvez, driblar os questionamentos e os processos. Trata-se da ficção, abordando seu potencial político, inclusive como forma de criticar comportamentos, instituições, governos, tomadas de decisão e até indivíduos, explorando o papel da ficção como forma de fazer política. Nesse âmbito, são incluídos diferentes gêneros literários, como o romance e a poesia, os quais, em diversos momentos, demonstraram um potencial para desestabilizar a ordem social que se encontrava em voga.

Ao refletir sobre a relevância das visões de mundo dos autores e sobre a ética da escrita, com suas nuances, muitas vezes sutis e contraditórias, Sapiro problematiza a questão do que seria considerado como “verdade”, incluindo a discussão sobre a liberdade de expressão, da arte pela arte, da escrita como forma de externalizar opiniões e como poder, tratando da autonomia do campo da escrita e de sua legitimidade, enfim, debatendo o papel dos escritores e de seus envolvimento com outros campos, especificamente o da política.

Nessa complexa discussão, Sapiro ainda explora a questão da subjetividade, como os sentimentos e sensações oriundos dos eventos históricos que ocorreram na França no interstício que compreende o recorte temporal da obra, como o período Entreguerras, por exemplo, relacionando-a à questão do engajamento dos escritores, como uma responsabilidade ou uma missão a ser desempenhada, como no caso de Sartre. Nessa análise, podem ser incluídas as denúncias sociais, tendo como ponto fulcral as guerras e os conflitos em que a França esteve envolvida de alguma forma.

Sobre isso, Sapiro analisa o processo de construção do escritor fascista Pierre Drieu La Rochelle, que anunciava em muitas de suas obras, algumas de caráter autobiográfico, uma suposta decadência da nação francesa – condição que, segundo Sapiro, possivelmente o levou a se aliar aos preceitos defendidos pela Alemanha nazista. A partir da análise do processo de vinculação de Drieu La Rochelle ao fascismo, refletindo sobre as contradições entre o “sonho e a ação”, Sapiro demonstra a relevância do contexto histórico sobre a definição do tom da escrita, do estilo adotado e do posicionamento político dos escritores.

Essas condições culminam na reflexão sobre o papel da poesia e da propaganda como gêneros literários desenvolvidos com mais proeminência no período de ocupação da França, tendo como características principais a clareza e a diretividade, com o objetivo de atingir um grande

número de pessoas em pouco tempo. Essas situações demonstram que “[...] a literatura desempenha um papel na estruturação da realidade [...]” (Sapiro, 2024, p. 289), circulando entre o impacto de uma representação e a criação de um símbolo. Além disso, a poesia assume uma vertente chamada por Sapiro de “clandestina”, adquirindo nuances de crítica, protesto e denúncia dos horrores causados pelo nazismo, de modo que ela “[...] pode expressar valores como a liberdade, sentimentos de indignação contra a opressão ou a injustiça, ela pode significar e representar o mundo [...]” (Sapiro, 2024, p. 312).

Ao encaminhar-se para o fim da obra, Sapiro discorre sobre a atuação e a influência que Malraux teve nos campos da literatura e da política, dedicando-lhe um capítulo inteiro. A autora explica que Malraux pode ser considerado “[...] o único escritor francês do século XX que se tornou ministro, com exceção de Jean Giraudoux” (Sapiro, 2024, p. 313), que ocupou um cargo político por alguns meses. Sapiro ressalta que a trajetória de Malraux é original, por conta do contexto de profissionalização da política no recorte temporal em tela – Terceira República –, período em que a carreira literária não se caracterizava mais como uma vitrine para o advento na esfera política. Além disso, o percurso de Malraux, como autodidata, destaca-se ainda mais em um campo em que a maioria dos escritores possuía formação nos chamados cursos secundários e superiores.

A partir da obra *A Tentação do Ocidente*, Malraux coloca-se em meio ao debate dos campos nacionalista e internacionalista, representado pela oposição Oriente/Ocidente e pelos confrontos sobre uma suposta superioridade reivindicada pelos representantes mais conservadores e nacionalistas do Ocidente contra uma minoria que valorizava outras culturas.

No Epílogo, Sapiro reflete sobre uma possível despolitização do campo da literatura, desenvolvida após o fim da década de 1970, especificamente após a Guerra da Argélia. Ela resgata questões debatidas na primeira parte do livro, como as condições que induzem (ou favorecem) a entrada e a circulação dos escritores no campo da política, seguidas pelas transformações do campo intelectual, como a divisão do trabalho especializado e a profissionalização do jornalismo, restringindo os espaços de atuação dos escritores, tidos anteriormente como os únicos autorizados a discorrer sobre as questões que agitam e movimentam a sociedade.

Sapiro (2024, p. 351) destaca a “experiência da guerra” como ponto fulcral de muitos dos desdobramentos que se seguiram sobre as transformações dos campos da escrita e suas relações com o campo da política, problematizando a produção ideológica que se sucedeu, tanto à esquerda quanto à direita. Sobre esses movimentos, a autora discorre sobre a formação da nova direita literária que, apesar de causar muito ruído, se constituía em um grupo diminuto de escritores que se posicionava contra o antirracismo, o multiculturalismo e os movimentos de Maio de 68, apregoando a xenofobia e a islamofobia. Já a chamada “esquerda literária” partilhava de uma postura engajada, que defendia a diversidade, o antirracismo, a igualdade dos sexos, as pautas identitárias e os direitos humanos de forma geral.

Por fim, Gisèle Sapiro questiona a reedição relativamente recente dos manifestos e demais escritos oriundos da extrema-direita, rebatendo o argumento que justifica um suposto interesse histórico. A autora alerta para o risco de se aceitar essa espécie de rememoração de escritos que pregavam ideias preconceituosas e pensamentos de superioridade de um povo sobre outros, inquirindo se realmente faz sentido relembrar, em suas palavras, “influências nefastas”, de escritores que se posicionam contra os direitos humanos e a igualdade entre os indivíduos.

Desse modo, constata-se a relevância da obra de Gisèle Sapiro, pautada em um imenso trabalho de pesquisa que abarca um período amplo, incluindo momentos decisivos, polêmicos e fundamentais para se compreender os rumos que moldaram o desenvolvimento da história da França. Ao propor a analisar dois campos em que, tradicionalmente na França, os agentes se

esbarram, se estranham, se confrontam, disputam prestígio, apoio e poder, e se relacionam de modo, muitas vezes, sutil – a partir de sugestões, por exemplo – e, em outros momentos, de forma até violenta, por meio de manifestos e panfletos, Sapiro demonstra toda a riqueza das relações humanas, envoltas por *habitus* que vão se conformando aos poucos e que dão o tom das abordagens e dos comportamentos tão bem problematizados pela autora em sua obra.

As discussões da obra podem ser pertinentes aos estudos das Ciências Humanas e Sociais, em geral, assim como da área da Educação, em específico. Na educação, os debates são atravessados por escritores e profissionais de diferentes áreas que ocupavam ou ocupam funções no Estado e propunham ou propõem projetos educacionais. Nos anos de 1920, por exemplo, inicia-se um processo de profissionalização da educação no Brasil, notadamente com a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), movimento que se complexifica na década seguinte e depois da segunda metade do século XX, caracterizando-se em um espaço específico ou em um lugar próprio dos especialistas da educação. Nesse aspecto, a relação ambivalente entre o mundo da cultura e o mundo da política, que a obra de Gisèle Sapiro traz, pode ser uma provocação para tensionar o mundo da cultura ou o mundo intelectual e o mundo da política no Brasil, no qual está inserido o complexo universo da educação.

## Referência

SAPIRO, Gisèle. **Os escritores e a política na França: do caso Dreyfus à Guerra da Argélia**. Tradução: Nívio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2024.

*Recebido em 12/06/2025*

*Versão corrigida recebida em 12/07/2025*

*Aceito em 13/07/2025*

*Publicado online em 22/07/2025*